



## PAISAGENS METAPOÉTICAS NAS *EPÍSTOLAS* 1, 5 E 1, 13 DE HORÁCIO

**Horácio**

**Tradução: Bruno Francisco  
dos Santos Maciel\***

**RESUMO:** Nas suas *Epístolas*, conhecidas principalmente pelo material filosófico que contêm, Horácio habilmente constrói diversas imagens metaliterárias que nos remetem a ideais poéticos abertamente professados em sua *Arte Poética*. Aqui, apresento, comento e traduzo dois poemas repletos dessas verdadeiras paisagens metapoéticas: a *Ep.* 1, 5, destinada a Torquato, e a *Ep.* 1, 13, endereçada a Vínio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Horácio; *Epístolas*; metapoesia; paisagem.

\* bruno.fsmaciel@gmail.com

Mestrando em Letras Clássicas e Medievais do Pós-Lit FALE/UFMG.

**ABSTRACT:** In his *Epistles*, especially known for its philosophical material, Horace skillfully makes up a diversified metaliterary imagery, which conducts us to poetic ideals openly declared in the *Art of Poetry*. Here, I show, comment and translate from this collection two poems full of these true metapoetic landscapes: *Ep.* 1, 5, addressed to Torquatus, and *Ep.* 1, 14, to Vinnius.

**KEYWORDS:** Horace; *Epistles*; metapoetry; landscape.

## INTRODUÇÃO

Horácio foi um versátil poeta latino do séc. I AEC, representante de uma estética que ficou conhecida por poesia augustana. Assim como Virgílio, participou do círculo literário de Mecenas, grande patrono e incentivador da literatura dessa época. A sua sólida formação na cultura grega, construída em parte pelos longos anos que viveu em Atenas, lhe rendeu um sensível engajamento filosófico e estético.<sup>1</sup> Sua obra, não muito vasta, é conhecida principalmente pelas *Odes* (*Carmina*) e pela *Arte Poética* (*AP*) ou *Epistula ad Pisones*.

Mas Horácio<sup>2</sup> é muito mais do que o poeta do *carpe diem*, da *aurea mediocritas* ou do *poeta uesanus*. Prova disso são as suas *Epístolas*, coleção de vinte e três cartas escritas em hexâmetro dactílico (divididas em dois livros, vinte no I e três no II). Consideradas por muitos uma inovação literária horaciana, elas são endereçadas a diversos “amigos” do poeta; há cartas a figuras históricas bastante conhecidas, como, por exemplo, o imperador Augusto e Mecenas, patrono do poeta, e a personagens praticamente desconhecidos, como Vínio e Ício.

Apesar de ocuparem, com exceção evidentemente da *AP*, um lugar um pouco marginal na fortuna crítica de sua obra, elas guardam belíssimas imagens da exuberância literária da antiguidade latina. Um dos seus traços mais marcantes e, de forma geral, da própria poesia horaciana é, provável herança helenística, a metapoesia. Mesmo o livro I, tradicionalmente

considerado por muitos o trabalho de um poeta-filósofo, visto às vezes até mesmo (injustamente!) mais como filósofo do que como poeta, traz, a seu modo, interessantes cenas e imagens metapoéticas que nos fornecem um bom panorama da estética de Horácio.

Essa caracterização filosófica se funda principalmente no grande peso que usualmente se dá ao valor de face daquilo que o próprio poeta (ironicamente!) confessa, em manifesto tom programático, logo no início da coleção, numa carta endereçada a Mecenas – o abandono da poesia para se dedicar inteiramente ao estudo da verdade e do decoro, temas filosóficos por excelência:

Nunc itaque et uersus et cetera ludicra pono,  
quid uerum atque decens, curo et rogo et omnis in hoc sum;  
Agora, os versos e outros joguinhos deponho,  
é à verdade e ao decoro que eu me entrego todo.  
(*Ep.* 1, 1, vv. 10-11)

Os *sermões* (“conversas”), como as *Epístolas* são também chamadas e conhecidas já desde a Antiguidade, caracterizam-se por um tom que não é muito elevado. Afinal, trata-se de cartas enviadas a amigos. É por isso que nelas há a prática de um recurso poético muito comum nesse tipo de registro poético: a *recusatio*. O poeta, então, se nega, mais ou menos

1. As informações a respeito de Horácio normalmente são retiradas da própria obra do autor.
2. Sempre que me referir a Horácio, entenda-se a personagem construída no texto; no limite, o próprio texto.

explicitamente, a se aplicar a gêneros tradicionalmente mais prestigiados, como a épica e a tragédia. Esse recurso deixa traços que se podem sentir, sobretudo, nas referências a Augusto nos poemas aqui traduzidos, a *Ep.* 1, 5, endereçada a Torquato, e a *Ep.* 1, 13, a Vínio.<sup>3</sup> Concomitantemente, no entanto, há, neles, uma certa solenidade, exigida, por um lado, para o funcionamento da ficção filosófica que realmente aí se trama e, por outro, para a construção de uma *persona* poética, digamos, professoral, do que decorre o acentuado tom didascálico dos poemas. Essa ambivalência, que tensiona prosaísmo e solenidade, a propósito, também se faz conformadora da poeticidade das *Epístolas*.

Proponho, então, uma tradução crítica, em dodecassílabos, na esteira de trabalhos como o de Raimundo Carvalho (2005 e 2010), Guilherme Flores (2014) e Márcio Gouvêa Jr. (2014), atenta aos recursos e expedientes poéticos dos poemas. Espero, assim, demonstrar também com os breves comentários que se seguem, como, nas *Epístolas*, Horácio foi sutil e eficaz na construção de sonoras paisagens metaliterárias, melofanologopeicas!

\*\*\*

3. Uso como base o texto latino de Fairclough (1929) da Loeb Classical Library.

**EPISTULA AD TORQUATUM**

Si potes Archiacis conuiuia recumbere lectis  
 nec modica cenare times holus omne patella,  
 supremo te sole domi, Torquate, manebo.  
 Vina bibes iterum Tauro diffusa palustris  
 5 inter Minturnas Sinuessanumque Petrinum.  
 Si melius quid habes, arcesse uel imperium fer.  
 Iamdudum splendet focus et tibi munda supellex.  
 Mitte leuis spes et certamina diuitiarum  
 et Moschi causam; cras nato Caesare festus  
 10 dat ueniam somnumque dies; impune licebit  
 aestiuam sermone benigno tendere noctem.  
 Quo mihi fortunam, si non conceditur uti?  
 Parcus ob heredis curam nimiumque seuerus  
 adsidet insano; potare et spargere flores  
 15 incipiam patiarque uel inconsultus haberi.  
 Quid non ebrietas dissignat? Operta recludit,  
 spes iubet esse ratas, ad proelia trudit inertem,  
 sollicitis animis onus eximit, addocet artis.  
 Fecundi calices quem non fecere disertum,  
 20 contracta quem non in paupertate solutum?  
 Haec ego procurare et idoneus imperor et non  
 inuitus, ne turpe toral, ne sordida mappa  
 conruget naris, ne non et cantharus et lanx  
 ostendat tibi te, ne fidos inter amicos  
 25 sit qui dicta foras eliminat, ut coeat par

**EPÍSTOLA A TORQUATO**

Se podes ser conviva nos leitos de Árquias,  
 nem temes cear verdura em modesto prato,  
 ao crepúsculo aguardo-te em casa, Torquato.  
 Vinho envasado – Tauro era cônsul de novo<sup>4</sup> –  
 5 entre Minturnas e Petrinos de Sinuessa<sup>5</sup>  
 beberás! Traz algo melhor ou cumpre a ordem!  
 Brilham-te há muito o fogo e a mobília polida.  
 Larga a leviana espera e as lides por riqueza  
 e a causa Mosca;<sup>6</sup> amanhã, festa de César,  
 10 dada a vênua do sono diurno, impune é lícito  
 passar a noite estiva em conversa agradável.  
 Me serve a quê fortuna que não se desfruta?  
 O sóbrio, em prol do herdeiro, demasiado austero,  
 quase toca o insano; a beber, semear flores  
 15 começarei, embora julguem-me insensato.  
 O que a embriaguez não rompe? Mistérios desvela,  
 as esperas resolve, ao prélio impele o inerte,  
 do aflito alivia o fardo, ensina outras artes.  
 Quem férteis taças não tornaram eloquente,  
 20 quem sujeito à pobreza elas não libertaram?  
 Disto, me ordeno!, cuido, apto e não contrariado:  
 nem toalha suja, nem imundos guardanapos  
 enruguem-te o nariz; não deixem prato e cântaro  
 de espelhar-te e ninguém entre amigos leais  
 25 espalhe o papo porta afora: a cada um se una

4. Provavelmente, 36 AEC.
5. Minturnas e Petrinos de Sinuessa eram cidades localizadas no Lácio. Dizia-se que nelas ou muito próximo delas havia vitivinicultura de alta qualidade. O famoso Falerno, por exemplo, era produzido perto dali.
6. Um processo criminal.

iungaturque pari. Butram tibi Septiciumque,  
et nisi cena prior potiorque puella Sabinum  
detinet, adsumam. Locus est et pluribus umbris,  
sed nimis arta premunt olidae conuiuia caprae.

30 Tu quotus esse uelis rescribe, et rebus omissis  
atria seruantem postico falle clientem.

um parceiro. Contigo, Butra e Septício  
recebo e, se outra ceia ou moça melhor não  
o prende, Sabino.<sup>7</sup> Há espaço a muitos sombras,<sup>8</sup>  
mas é chato banquete cheio, cheira a cabra.

30 Quantos serão, me escreve, esquece o trabalho  
e pelo fundo engana o cliente atento ao átrio.

\*\*\*

7. Butra, Septício e Sabino (prováveis amigos comuns de Horácio e Torquato) são nomes de pessoas cuja identidade nos é completamente obscura.

8. Os ditos “sombras” eram as pessoas que, sem convite direto, acompanhavam os convidados.

## COMENTÁRIOS

A *Ep.* 1, 5, é apenas um convite. Nela, Horácio convida para um banquete na sua casa o amigo Torquato, que, segundo se crê, a julgar até mesmo pelo poema, era um eminente advogado romano proveniente de uma tradicional família de membros do Senado. O evento acontecerá no fim do dia (*supremo sole*, v. 3) da véspera do aniversário de Augusto. Se será no campo, se será na cidade, ao certo não se sabe. Isso não fica muito claro, mas é provável que seja mesmo na cidade.

O poeta descreve com alguma minúcia o estado da casa que espera o convidado: a comida modesta, os leitos humildes, construídos por um simples artesão, o vinho algo especial, a lareira já acesa, a mobília polida. Tudo preparado. Tudo medido, como o poema. O próprio vocabulário empregado é o mesmo que se encontra em contextos típicos de crítica ou produção literária, como, por exemplo, *modica* (“modesto”, v. 2), *munda suppelex* (“mobília polida”, v. 7) e *splendet* (“brilha”, v. 7).

É só depois de terminada a apresentação desses elementos que vem a exortação a Torquato para que abandone os afazeres cotidianos e especialmente a busca pela riqueza e vá ao banquete (vv. 8-10). É interessante aqui o contraste entre o dia, tempo do trabalho, e a noite, tempo do banquete. Muitos veem nisso a lição filosófica do poema, um elogio ao ócio em detrimento de atividades práticas, como, no caso, a advocacia.

Aspecto formal bastante explorado por Horácio é o emprego retórico de um vocabulário marcadamente jurídico, dada, evidentemente, a ocupação do convidado, na tentativa de convencê-lo a abandonar, ainda que por pouco tempo – uma noite aprazível talvez – os afazeres cotidianos. Na tradução, vemos, por exemplo, entre os versos 8 e 10 termos e expressões tipicamente jurídicos como “lides” (*certamina*), “causa” (*causam*), “dada a vênua” (*dat ueniam*) e “é lícito” (*licebit*).

A atividade, contudo, que será realizada no banquete instaura uma ambiência poética: *sermone benigno* (“conversa agradável”, v. 11). De fato, *sermo* é um termo central nesse contexto, pois sua coloração metaliterária nos salta aos olhos, pela ambiguidade significativa que instaura. Ao mesmo tempo em que pode querer dizer simplesmente conversa, é ele o termo que caracteriza toda a produção epistolar horaciana (os chamados *sermões*) e especificamente o próprio poema-convite.

A exortação se desenvolve com o poeta se voltando para reflexões de caráter mais abstrato a respeito da inutilidade, que beira a loucura (*adsidet insano*, v. 14), da acumulação de bens que eventualmente beneficiaria apenas o herdeiro. (vv. 12-15). Nesse ponto, o caráter prolífico e libertário do vinho é enaltecido (*calices fecundi*, v. 19) e principalmente sua capacidade de inspirar palavras. Ao banquete, lembremos o vinho colhido em circunstâncias de tempo e lugar bem especiais (vv.4-5), não faltará, pois, inspiração.



Depois, com a mesma esmerada minúcia, o poema retorna à concretude do banquete a Torquato. Entre os versos 21-26, é descrito o aparato de mesa do banquete: a toalha e os guardanapos devidamente limpos, o prato e o cântaro brilhantes. Essa descrição do cuidado da casa e do aparato do banquete nos remete para o cuidado com o próprio poema. Na exposição dessas medidas de zelo, o poeta assume uma voz que se assimila à de um edil (*imperor*, “me ordeno”, v. 21, que retoma *imperium*, “ordem”, v. 6), um dos cargos da magistratura romana, responsável pela administração (*procuratio*, cf. *procurare*, v. 21) de edifícios e festividades públicas. O poeta, assim, se faz inserido social e politicamente. Ocupa um lugar relevante. O próprio banquete, aliás, é um modo de inserção social. O poeta se insere por meio daquilo que sabe fazer: pela poesia, modo como pode exercer algum poder de império. As tarefas do anfitrião, portanto, são as do próprio poeta. No limite, o banquete é o poema. Ceia de papel.

A dimensão epistemológica do banquete é colocada em evidência pela imagem do prato e do cântaro (vv. 23-4), que, devidamente polidos, são, como um espelho, capazes de refletir, evocando o conhecimento de si mesmo e o problema da própria condição humana, uma das questões filosóficas mais relevantes na Antiguidade, principalmente a partir dos sofistas. Aparato filosófico, como o poema deve ter.

Outra importante característica do banquete é a exclusividade, expressa em dois aspectos, a discricção de amigos leais e o acesso restrito. Não é aberto a muitas pessoas, apenas a alguns poucos amigos, rigorosamente escolhidos (e até mesmo nomeados no próprio convite!), pois, adverte o poeta, os banquetes cheios são molestos (v. 29). Reverbera, aqui, o célebre *odi profanum uolguis et arceo*, o primeiro verso da *Ode* 3,1, que ganhou notoriedade como uma dos traços da poética de Horácio.

No fim do poema, vemos muito mais do que um simples convite. Estamos diante de um duplo pedido: resposta à carta (*rescribe*, v. 30) e fuga do cliente (sujeito protegido pelo patrono) pelos fundos da casa (*falle postico*, v. 31)! Chamado à escrita e ao engano. O pedido pode até ser duplo, mas o convite é um só. Ao jogo poético!

\*\*\*

**EPISTULA AD VINNIUM**

Vt proficiscentem docui te saepe diuque,  
 Augusto reddes signata uolumina, Vinni,  
 si ualidus, si laetus erit, si denique poscet;  
 ne studio nostri pecces odiumque libellis  
 5 sedulus inportes opera uehemente minister.  
 Si te forte meae grauis uret sarcina chartae,  
 abicito potius quam quo perferre iuberis  
 clitellas ferus inpingas Asinaeque paternum  
 cognomen uertas in risum et fabula fias.  
 10 Viribus uteris per cliuos, flumina, lamas.  
 Victor propositi simul ac perueneris illuc,  
 sic positum seruabis onus, ne forte sub ala  
 fasciculum portes librorum, ut rusticus agnum,  
 ut uinosa glomus furtiuae Pyrria lanae,  
 15 ut cum pilleolo soleas conuiuia tribulis.  
 Ne uolgo narres te sudauisse ferendo  
 carmina quae possint oculos aurisque morari  
 Caesaris; oratus multa prece, nitere porro.  
 Vade, uale, caue ne titubes mandataque frangas.

**EPÍSTOLA A VÍNIO**

Como ao partires muito e amiúde te ensinei,  
 a Augusto os selados rolos darás, Vínio,  
 se estiver são, se alegre, se ele, enfim, quiser.  
 No empenho não falhes, nem ódio aos livrinhos  
 5 tragas, qual criado muito insistente no zelo.  
 Se acaso o grave fardo de folhas fatiga-te,  
 deita-o fora, melhor que forçar impetuoso  
 a sela aonde és mandado ir e converter  
 o nome paterno, “Ásina”, em riso e comédia.  
 10 As forças usarás por colinas, rios, pântanos.  
 Triunfante, assim que lá chegar, tanto da carga  
 tu cuidarás que não levarás sob o braço  
 o feixe dos papéis, como um rude, o cordeiro,  
 como a ébria Pírria, montes de furtada lã,  
 15 como o conviva pobre, o barrete e as sandálias.  
 E à plebe não digas que suaste carregando  
 poemas que podem tomar olhos e ouvidos  
 de César; ante tanta prece, em frente segue!  
 Saúde e cuidado! Não despedaces o enviado!



### COMENTÁRIOS

Na *Ep.* 1, 13, a ambiência é rural. Horácio escreve do campo. Pela ficção que se constrói no poema, o poeta está provavelmente no seu *ager Sabinus*, de onde, através de um mensageiro, encaminha ao imperador Augusto, que se encontra em Roma, alguns poemas. Segundo o que tradicionalmente se acredita, esses podem ser as *Odes* ou até mesmo as próprias *Epístolas*. O termo *carmina* (v. 17), apesar de normalmente se referir às *Odes*, é ambíguo no contexto. Ambiguidade, aliás, mantida com a tradução pelo genérico “poemas”.

O mensageiro escolhido para a árdua tarefa é Vínio, o destinatário da carta, pessoa cuja identidade nos é praticamente desconhecida. O primeiro verso dá o tom didascálico: *te docui saepe diuque* (“te ensinei muito e amiúde”). O poema, então, se desenvolve em uma série mais ou menos longa de minuciosas lições sobre a forma como o mensageiro deve se portar. Há um interessante e cômico jogo com o seu sobrenome, que é “Ásina”. A insistência do poeta nos conselhos se justifica, assim, na sabida teimosia do asno, animal que é evocado pelo nome do mensageiro.

A primeira lição diz respeito ao leitor dos poemas. Vínio deve ter muita cautela para não desagradar Augusto, destinatário final dos *carmina* e que, no caso, funciona como uma espécie de leitor-modelo. O horizonte do poema é mesmo

o leitor, em quem Vínio não pode, por zelo indevidamente excessivo, despertar ódio aos livrinhos do poeta (vv. 3-5).

A empreitada não é fácil. Demanda tempo e esforço. Empenho (*studium*, v. 4). É o *labor limae et mora*. Percebendo que não tem as forças necessárias para realizá-la, Vínio, é o que aconselha o poeta, deve se livrar da carga; melhor isso que passar a vergonha de não conseguir carregá-la. De forma semelhante, “escolhei matéria medida, conforme suas forças”, dirá Horácio aos Pisões já no início da *AP*. É por isso que o poeta alerta o mensageiro-poeta para o risco de transformar-se em riso e comédia (vv. 5-8). Risco de tornar-se poesia de má qualidade, motivo de escárnio.

A tarefa de Vínio é a tarefa do poeta. Os conselhos dados a Vínio são conselhos de da poética horaciana. A peregrinação pelos campos, entre rios, pântanos e colinas é o caminho do próprio poeta. Do campo à cidade, onde, triunfante (*uictor*, v. 11), deleitará o *princeps* e lhe será útil; onde encontrará a merecida acolhida. Arrebatará olhos e ouvidos do leitor. Poesia de performance oral e poesia de leitura. Ao mesmo tempo, proveitosa e agradável. Poesia que, mais duradoura que o bronze, atravessa os tempos. Estatuto que será alcançando somente se Vínio observar outros três elementos muito importantes da poética horaciana: a negação da rusticidade (v. 13), da imitação servil (v. 14) e da pobreza (v. 15). Vínio não pode ser rude como um campônio. Vínio não pode ser

um mero imitador, gado servil, como Pírria, personagem de comédia, que, bêbada, furta. Cópia tal e qual. E Vínio não pode ainda ser pobre. Deve ser exuberante. Dispor de muitos meios e recursos poéticos.

Como no poema anterior, a temática da exclusividade poética se faz novamente presente, mas dessa vez por meio de uma pequena variação. O poeta adverte a Vínio que não conte ao povo a respeito dos poemas e, principalmente, sobre o suor que custou o desempenho de sua tarefa de mensageiro (*ne uolgo narres*, v. 16). Na verdade, o suor de Vínio é o suor do próprio poeta. O poema, fruto também da técnica e do trabalho, exige esforço. Medida. É interessante que os conselhos quase sempre se expressam de uma forma negativa. Muito mais do que dizer exatamente o que se deve fazer, o poeta se preocupa com aquilo que Vínio não pode fazer. Limites que não pode ultrapassar.

Na tradução, alguns elementos formais também foram preservados: a repetição retórica das conjunções *si* (v. 3) e *ut* (vv. 13-15) em momentos cruciais relacionados, respectivamente, ao leitor e ao mensageiro; a prestigiada posição inicial de verso das referências ao imperador Augusto, figura importantíssima no poema, nos versos 2 e 18 (o penúltimo); a copiosa diversidade de expressões que se referem aos poemas: *libellis* (“livrinhos”, v. 4), *sarcina chartae* (“fardo de folhas”, v. 6), *fasciculum librorum* (“feixe dos papéis”, v. 13).

O pedido final a Vínio é de cautela (*caue*, v. 19). Exigência de muito cuidado com o frágil e valioso material que lhe foi confiado. No limite, Vínio é o próprio poema. Poeta, mensagem e mensageiro se tornam um só. Poesia...

#### REFERÊNCIAS

- HORACE. **Satires. Epistles. Ars Poetica**. Translated by H. R. Fairclough. London: Harvard U. P., 1929.
- JOHSON, W. R. **Horace and the dialectic of freedom: readings in Epistles 1**. Ithaca, London: Cornell U. P., 1993.
- KILPATRICK, R. **The poetry of friendship: Horace, Epistles 1**. Edmonton, Alberta: The University of Alberta Press, 1986.
- OLIENSIS, E. **Horace and the rhetoric of authority**. Cambridge: Cambridge U. P., 1998.